

Índice

Introdução de Aniela Jaffé	9
Prólogo	21
Infância	25
Os anos de escola	43
Os anos da universidade	97
Actividade psiquiátrica	127
Sigmund Freud	155
A confrontação com o inconsciente	177
Sobre a génese da obra	205
A torre	227
Viagens	
Norte de África	241
Os índios Pueblo	248
Quênia e Uganda	255
Índia	274
Ravenna e Roma	283
Visões	289
Sobre a vida depois da morte	299
Reflexões tardias	325
Retrospectiva	351
Apêndice	
Das cartas de Jung à mulher escritas nos EUA (1909)	359
Das cartas de Freud a Jung (1909 a 1911)	366
Carta à mulher escrita de Sousse, Tunes (1920)	369
De uma carta a um jovem erudito (1952)	371

De uma carta a um colega (1959)	372
Théodore Flournoy	374
Richard Wilhelm	375
Heinrich Zimmer	380
Apêndice ao “Livro Vermelho” (1959)	382
<i>Septem Sermones ad Mortuos</i> (1916)	383
Algumas informações sobre a família de C. G. Jung, por Aniela Jaffé	397
Glossário	407

Memórias, Sonhos, Reflexões

Infância

Meio ano depois de eu ter nascido (1875), os meus pais mudaram-se de Keßwil (cantão de Thurgau), junto ao lago de Constança, para a paróquia do castelo de Laufen, acima das cataratas do Reno.

As minhas memórias começam mais ou menos no segundo ou terceiro ano. Recordo-me do presbitério, do jardim, de Buchihüsli, da igreja, do castelo, das cataratas do Reno, do castelinho de Wörth e da quinta do sacristão. São apenas ilhas de recordação a nadar num mar indefinido, aparentemente, sem ligação entre si.

Surge então uma recordação, talvez a mais antiga da minha vida e, assim, apenas uma impressão bastante vaga: estou deitado no meu carrinho de bebé, à sombra de uma árvore. É um dia de Verão quente e bonito, céu azul. A luz dourada do Sol brinca através das folhas verdes das árvores. O tejadilho do carrinho está levantado. Acabei de acordar naquela beleza magnífica e sinto um bem-estar indescritível. Vejo o Sol cintilar através das folhas e das flores das árvores. Tudo é maravilhoso, colorido e magnífico até mais não poder.

Uma outra recordação. Estou sentado na nossa sala de jantar do lado ocidental da casa numa cadeira alta de criança e estou a beber às colheres leite quente com pedacinhos de pão. O leite sabe bem e tem um cheiro característico. Foi a primeira vez que tomei consciência do cheiro. Foi o momento em que, por assim dizer, me tornei consciente, através do olfacto. Esta recordação também é muito antiga.

Ou: uma bela noite de Verão. Uma tia diz: “Agora, vou mostrar-te uma coisa.” Foi comigo até à parte da frente da casa, à estrada para Dachsen. Lá muito longe no horizonte, estendia-se a cordilheira dos Alpes no crepúsculo em chamas. Naquele entardecer, via-se a cordilheira com toda a nitidez. “Olha agora präli, os montes estão todos

vermelhos.” Foi então que vi os Alpes pela primeira vez! Depois, disseram-me que as crianças de Dachsen iam no dia seguinte fazer uma excursão a Zurique para verem o Uetliberg. Eu queria ir também a todo o custo. Para dor minha, explicaram-me que crianças tão pequenas não podiam ir, não havia nada a fazer. A partir de então, Zurique e o Uetliberg eram a terra inatingível dos meus desejos, perto das montanhas de neve em chamas.

De uma época um pouco posterior: a minha mãe foi comigo ao Thurgau de visita a amigos. Estes tinham um palácio junto ao lago de Constança. Ali, ninguém me conseguia tirar da margem. O Sol cintilava na água. As ondas da passagem do vapor vinham bater na margem. Tinham desenhado pequenas costelas na areia do fundo. O lago estendia-se a uma distância a perder de vista e esta lonjura era um prazer inacreditável, uma coisa magnífica sem par. Foi naquele momento que se instalou em mim a ideia de que tinha de viver junto a um lago. Sem água, pensei, não se pode de todo viver.

Ainda outra recordação: gente estranha, azáfama, excitação. A criada chegou a correr: “Os pescadores trouxeram um cadáver para terra — das cataratas do Reno para baixo —, vão levá-lo para a lavandaria.” O meu pai disse: “Pois — pois.” Eu quis logo ver o cadáver. A minha mãe reteve-me e proibiu-me severamente de ir ao jardim. Depois de os homens se terem ido embora, atravessei o jardim a correr em segredo para ir à lavandaria. Mas a porta estava fechada à chave. Então, dei a volta à casa. Nas traseiras, havia um esgoto a céu aberto que dava para a encosta. Ali, havia água e sangue a gotejar para fora. Isso interessou-me extraordinariamente. Na altura, ainda não tinha quatro anos.

Uma outra imagem emerge: estou inquieto, febril, não consigo dormir. O meu pai traz-me ao colo, anda de um lado para o outro no quarto, cantando as suas velhas canções de estudante. Lembro-me, nomeadamente, de uma de que gostava especialmente e que sempre me acalmava. Era a chamada canção do soberano. “Tudo se cale, cada um se incline...”, era mais ou menos assim que começava. Ainda hoje me lembro da voz do meu pai, a cantar em cima de mim no silêncio da noite.

Como a minha mãe me contou mais tarde, eu sofria de um eczema geral. Rodeavam-me alusões obscuras a dificuldades no casamento dos pais. A minha doença esteve certamente relacionada com uma separação temporária dos meus pais (1878). Na altura, a minha mãe esteve durante vários meses no hospital em Basileia e, provavelmente, o mal

que a afligia era consequência da sua desilusão com o casamento. Naquele período, quem tomou conta de mim foi uma tia cerca de vinte anos mais velha do que a minha mãe. A longa ausência da minha mãe atormentava-me muito. Desde aquela altura, ficava desconfiado sempre que era pronunciada a palavra “amor”. O sentimento ligado, para mim, ao “feminino” foi, durante muito tempo: falibilidade inata. “Pai” significava para mim fiabilidade e — impotência. Foi com este *handicap* que comecei. Mais tarde, esta primeira impressão foi revista. Julguei que tinha amigos e eles desiludiram-me e era desconfiado relativamente às mulheres e elas não me desiludiram.

Enquanto a minha mãe esteve fora, também a nossa criada tomou conta de mim. Ainda me recordo como ela me punha ao colo e eu pou-sava a cabeça no ombro dela. Tinha cabelos negros e uma pele cor de azeitona e era completamente diferente da minha mãe. Lembro-me da raiz dos cabelos, do pescoço com a pele fortemente pigmentada e da orelha. Tudo me parecia tão estranho e, contudo, tão singularmente familiar. Era como se ela não pertencesse à minha família, mas apenas a mim, e como se, de forma incompreensível para mim, ela estivesse ligada a outras coisas misteriosas que eu não entendia. O tipo da criada tornou-se, mais tarde, num aspecto da minha *anima*. A sensação do estranho e, no entanto, ultraconhecido que ela transmitia era a característica daquela figura que, mais tarde, representou para mim a essência do feminino.

Há ainda uma outra recordação que coincide com a época da separação dos meus pais: uma rapariga jovem muito bonita, simpática, de olhos azuis e cabelo louro, leva-me a passear num dia azul de Outono sob áceres e castanheiros dourados. Fomos ao longo do Reno a jusante das cataratas junto ao castelinho de Wörth. O Sol brilhava através da folhagem e havia folhas douradas no chão. A rapariga jovem tornou-se mais tarde minha sogra. Admirava o meu pai. Só aos vinte e um anos é que voltei a vê-la.

Estas são as minhas recordações “exteriores”. O que se segue agora são coisas mais fortes, mesmo avassaladoras, de que, em parte, só me lembro confusamente: um trambolhão pelas escadas abaixo, uma queda contra a perna angulosa do fogão. Lembro-me de dores e de sangue, um médico cose-me uma ferida na cabeça cuja cicatriz ainda era visível nos meus últimos anos de liceu. A minha mãe contou-me que eu ia uma vez com a criada a atravessar a ponte das cataratas do Reno na direcção de Neuhausen, caí de repente e escorreguei com uma perna para debai-

xo da balaustrada. Foi por um triz que a criada conseguiu agarrar-me e puxar-me para trás. Estas coisas indiciam uma pulsão de suicídio inconsciente ou uma resistência fatal contra a vida neste mundo.

Naqueles anos, havia medos indefinidos de noite. Havia coisas a rondar. Ouvia-se sempre o bramir surdo das cataratas do Reno e, em volta, estendia-se uma zona de perigo. Pessoas afogavam-se, um cadáver caiu sobre as rochas. No cemitério próximo, o sacristão abre um buraco; terra castanha em monte. Homens solenes de negro de casacas vestidas, com chapéus invulgarmente altos e sapatos pretos engraxados a reluzir trazem um caixote negro. O meu pai também ali está com as suas vestes sacerdotais, falando com voz ressonante. Mulheres choram. Dizem-me que se estava a enterrar alguém nesta cova. Certas pessoas, que antes estavam ali, deixavam de se ver de repente. Disseram-me que tinham sido enterradas ou que o “Senhor Jesus” as levava para junto de si.

A minha mãe ensinara-me uma oração que eu tinha de rezar todas as noites. Eu rezava-a de bom grado, porque me dava um certo sentimento de conforto relativamente às incertezas indefinidas da noite:

*Abre as tuas asas,
Jesus, minha alegria,
Leva o teu bolinho,
Se Satã o quer papar
Manda os anjos cantar:
Não façam mal ao menino.*

O “Senhor Jesus” era confortável, um “senhor” simpático e benévolo, como o “senhor” Wegenstein do palácio — rico, poderoso, conceituado e vigilante relativamente às crianças na noite. Porque é que havia de ter asas como um pássaro era um pequeno milagre, que, porém, não me incomodava por aí além. O que era muito mais significativo e pretexto para muitas reflexões era, porém, o facto de as criancinhas serem comparadas com “bolinhos”, que, pelos vistos, o “Senhor Jesus” só “tomava” com relutância, como um medicamento amargo. Isto era difícil de entender para mim. Mas compreendia com toda a facilidade que Satã gostava dos bolinhos e, portanto, tinha de ser impedido de os papar. Apesar, portanto, de o “Senhor Jesus” não gostar deles, come-os, para Satã não ficar com eles. Até este ponto, a minha argumentação era “confortável”. Mas, depois, a oração dizia também que o “Senhor Je-

sus” também “levava para si” outras pessoas, o que era sinónimo de as meter num buraco na terra.

Esta sinistra conclusão por analogia teve consequências desastrosas. Comecei a desconfiar do “Senhor Jesus”. Ele perdeu o seu aspecto de pássaro grande, aconchegado e benevolente e foi associado aos homens sombrios de negro, de casacas vestidas, com chapéus altos e sapatos negros engraxados a reluzir, que tinham que ver com o caixote negro.

Estas minhas ruminções levaram ao primeiro trauma de que tenho consciência. Num dia quente de Verão, eu estava sentado, como de costume, sozinho na rua em frente à casa a brincar na areia. A rua passava em frente da casa e ia dar a uma colina pela qual subia, perdendo-se lá em cima na floresta. Assim, da casa podia ver-se um grande troço da via. Foi nesta rua que vi então uma figura de chapéu largo e compridas vestes negras descer vindo da floresta. Tinha o aspecto de um homem com uma espécie de traje feminino vestido. A figura aproximou-se lentamente e pude verificar que era, efectivamente, um homem, que trazia uma espécie de manto negro que lhe chegava aos pés. Ao vê-lo, senti medo, que não tardou a transformar-se num pavor mortal, pois ganhou corpo em mim a ideia aterradora: “É um jesuíta!” É que, pouco antes, ouvira uma conversa do meu pai com um colega sobre as maquinações dos “jesuítas”. Do tom emotivo, meio irritado, meio amedrontado das suas observações, recebi a impressão de que os “jesuítas” representavam algo especialmente perigoso, mesmo para o meu pai. No fundo, não sabia o que significava “jesuítas”. Mas a palavra Jesus conhecia-a do meu livrinho de orações.

O homem que vinha a descer a rua estava, manifestamente, disfarçado, pensei. Por isso é que trazia trajes de mulher. Provavelmente, tinha más intenções. Mortalmente assustado, corri a toda a pressa para a casa, fui escada acima até ao sótão, onde me aninhei num canto escuro debaixo de um barrote. Não sei quanto tempo ali fiquei. Mas deve ter sido bastante tempo, porque, quando, cautelosamente, descí outra vez para o primeiro andar e, com o máximo de cuidado, espreitei pela janela, não se via em lado nenhum traços da figura negra. Mas ainda continuei a sentir aquele pavor infernal dias a fio, levando-me a ficar em casa. E quando, depois, voltei a brincar na rua, a orla da floresta era, mesmo assim, um objecto de atenção inquieta. Mais tarde, percebi, evidentemente, que a figura negra era um padre católico perfeitamente inocente.

Mais ou menos ao mesmo tempo — não saberia sequer dizer com absoluta certeza, se não foi antes do episódio que acabei de referir — ,

tive o primeiro sonho de que consigo lembrar-me e que, por assim dizer, iria dar-me que pensar durante toda a vida. Tinha, na altura, três ou quatro anos.

O presbitério fica isolado junto do castelo de Laufen e, atrás do pátio do sacristão, estende-se um amplo prado. No sonho, eu estava neste prado. De repente, descobri lá um buraco escuro na terra, quadrado, murado. Nunca o vira antes. Curioso, aproximei-me e olhei para baixo. Foi então que vi umas escadas de pedra que iam dar ao fundo. Hesitante e receoso, desci. Lá em baixo, havia uma porta com um arco, escondida por uma cortina verde. A cortina era grande e pesada, como que de tecido trabalhado ou de brocado, e reparei que tinha um aspecto muito rico. Curioso de saber o que poderia esconder-se por trás, afastei a cortina e vi, à luz mortiça, um quarto quadrado com cerca de dez metros de comprimento. O tecto em abóbada era de pedra e também o chão estava coberto com lajes de pedra. No meio, estava estendido um tapete vermelho da entrada até um estrado baixo. Em cima deste, havia um trono dourado de maravilhosa sumptuosidade. Não tenho a certeza, mas talvez tivesse uma almofada vermelha em cima. O trono era magnífico como nos contos de fadas, um trono real como deve ser! Em cima dele havia uma coisa. Era uma forma gigantesca que chegava quase ao tecto. A princípio, pensei que era um tronco de árvore alto. O diâmetro media uns cinquenta a sessenta centímetros e a altura cerca de quatro a cinco metros. A forma, porém, tinha uma constituição estranha: era feita de pele e de carne viva e, em cima, havia uma espécie de cabeça em forma de bola sem cara e sem cabelo; só mesmo lá em cima no alto da cabeça é que se encontrava um único olho, que olhava, imóvel, para o alto.

O quarto estava relativamente iluminado, embora não houvesse janelas nem lâmpadas. Sobre a cabeça, porém, reinava uma certa claridade. A coisa não se mexia, mas eu tive a sensação de que, a todo o momento, poderia descer do seu trono como um verme e rastejar até ao pé de mim. Eu estava como que paralisado de medo. Neste instante insuportável, ouvi, de repente, a voz da minha mãe como que de fora e de cima a chamar: “Olha que esta. Esse é o canibal!” Nesse momento, apanhei um susto pavoroso e acordei, suado de medo. A partir de então, muitas noites a fio, tinha medo de adormecer, porque receava que pudesse vir a ter um sonho semelhante.

Este sonho deu-me que pensar durante anos. Só muito mais tarde é que descobri que a forma estranha era um falo, e só ao cabo de décadas, que era um falo ritual. Nunca consegui distinguir se a minha mãe dizia

“*Esse é o canibal*” ou “*esse é o canibal*”. No primeiro caso, ela teria querido dizer que não era “Jesus” ou o “jesuíta”, mas sim o falo, que era o canibal; no segundo caso, que o canibal era, em geral, representado pelo falo, portanto, que o escuro “Senhor Jesus”, o jesuíta e o falo eram idênticos.

O significado abstracto do falo caracteriza-se por o membro em si ser entronizado itifalicamente (ἰθῦς = erecto). O buraco no prado representava, seguramente, um túmulo. O próprio túmulo é um templo subterrâneo, cuja cortina verde faz recordar o prado, representando aqui, portanto, o segredo da terra coberta com vegetação verde. O tapete era vermelho de sangue. A abóbada vinha de onde? Será que, na altura, eu já estivera no Munot, a torre de Schaffhausen? Não é provável, dificilmente levariam ali uma criança de três anos. Portanto, não pode tratar-se de um resíduo de recordação. Do mesmo modo, a fonte do falo erecto, correcto do ponto de vista anatómico, é desconhecida. A interpretação do *orificium urethrae externum* como olho e, por cima, aparentemente, uma fonte de luz, aponta para a etimologia do falo (φάλος = luminoso, brilhante).¹

O falo deste sonho parece, de qualquer forma, ser um deus subterrâneo e que não deve ser nomeado. Foi como tal que me ficou durante toda a minha juventude e que ressoou sempre que se falava de maneira um pouco enfática de mais do Senhor Jesus Cristo. O “Senhor Jesus” nunca se me tornou inteiramente real, inteiramente aceitável, inteiramente simpático, porque eu pensava constantemente no seu antagonista subterrâneo como uma revelação terrível que não procurara.

O “disfarce” do jesuíta projectou a sua sombra sobre a doutrina cristã que me ensinaram. Esta parecia-me com frequência uma mascarada solene, uma espécie de funeral. Nessas ocasiões, as pessoas podiam, é certo, pôr uma cara séria ou triste, mas, ao mesmo tempo, pareciam rir em segredo e não estar minimamente tristes. O “Senhor Jesus” parecia-me, de alguma maneira, como uma espécie de deus dos mortos — útil, sem dúvida, por espantar as assombrações nocturnas, mas ele próprio inquietantemente estranho, por ter sido crucificado e ser um cadáver ensanguentado. O seu amor e a sua bondade, que sempre me louvavam, pareciam-me, secretamente, duvidosos, especialmente também pela razão de que eram, fundamentalmente, pessoas de casacas negras e sapatos engraxados a brilhar, que me faziam sempre recordar os enterros, que falavam do “bom Senhor Jesus”. Eram os colegas do meu pai e oito

1 *Ges. Werke* V, 1973, pp. 279 e s.

tios — todos pastores. Infundiram-me medo durante muitos anos — já para não falar de ocasionais padres católicos, que me lembravam os receados “jesuítas”, e os jesuítas tinham provocado receio e irritação mesmo ao meu pai. Nos anos seguintes até à confirmação, é verdade que me esforcei ao máximo para forçar a relação positiva com Cristo que era exigida. Mas nunca consegui superar a minha secreta desconfiança.

No fim de contas, todas as crianças têm medo do “homem de preto” e não foi de modo nenhum esse medo que constituiu o fundamental daquela experiência, foi a formulação da ideia que acabou por se impor no meu cérebro infantil: “É um jesuíta.” Assim, também no sonho o essencial é a estranha encenação simbólica e a interpretação espantosa como “canibal”. Não é o fantasma infantil do “canibal”, mas o facto de ele estar sentado num trono subterrâneo dourado. Para a minha consciência infantil de então, quem se sentava num trono dourado era, antes de mais, o rei, mas, depois, num trono muito mais bonito e muito mais elevado e muito mais dourado, lá longe em cima no céu azul, estavam sentados o bom Deus e o Senhor Jesus, com coroas douradas e vestes brancas. Mas era deste Senhor Jesus que vinha o “jesuíta”, com uma saia negra de mulher e um chapéu largo negro a descer do bosque da colina. Vezes sem conta, eu olhava compulsivamente lá para cima, para ver se não havia outra vez perigo.

No sonho, descia para a caverna e encontrava lá uma outra criatura sentada no trono dourado, inumana e infernal, a olhar sem cessar para cima e a alimentar-se de carne humana. Só cinquenta anos completos mais tarde me feriu os olhos um passo de um comentário sobre ritos religiosos que aborda um motivo-base antropofágico no simbolismo da Última Ceia. Foi só então que tive a noção de como é absolutamente não-infantil, como é amadurecida, mais ainda, ultra-amadurecida a ideia que começava a impor-se à consciência nestas duas experiências. Quem é que falava dentro de mim naquela altura? Que espírito conge-minou estas experiências? Que juízo superior estava aqui em acção? Eu sei que qualquer idiota se sente tentado a palrar sobre o “homem de negro” e o “canibal” e o “acaso” e “interpretações *a posteriori*”, para varrer rapidamente alguma coisa terrivelmente desconfortável, para que a inocência familiar não seja perturbada. Ai, estas pessoas bem-comportadas, zelosas, saudáveis, parecem-me sempre aqueles girinos optimistas que, amontoados numa poça de água da chuva e dando alegremente às caudas, estão a apanhar sol, nas mais rasas das águas, sem saber que já no dia seguinte a poça vai estar seca.